



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL**

**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NOS RITUAIS DE CURA DO
POVO ARARA-KARO**

Acadêmico: Sebastião Gavião

Orientador: Reginaldo de Oliveira Nunes

Ji-Paraná – 2015

SEBASTIÃO GAVIÃO

**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NOS RITUAIS DE CURA DO
POVO ARARA-KARO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Intercultural da UNIR, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Educação Básica Intercultural, sob orientação do Professor Mestre Reginaldo de Oliveira Nunes.

Ji-Paraná – 2015

Gavião, Sebastião
G283p Plantas medicinais utilizadas nos rituais de cura do Povo
2015 Sabores alimentares do Povo Arara-Karo / Sebastião Gavião;
orientador, Reginaldo de Oliveira Nunes. -- Ji-Paraná, 2015
29 f. : 30 cm

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação
Básica Intercultural. -- Universidade Federal de Rondônia, 2015
Inclui referências

1. Povos indígenas - Rondônia. 2. Plantas medicinais. I.
Nunes, Reginaldo de Oliveira. II. Universidade Federal de
Rondônia. III. Título

CDU 39(811.1):633.88

Bibliotecária: Marlene da Silva Modesto Deguchi CRB 11/601



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL – DEINTER
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos quinze dias do mês de Março de dois mil e quinze, reuniram-se na Aldeia Iterap, localizada no município de Ji-Paraná, distrito de Nova Colina, os professores avaliadores, Dr^a. Maria Lúcia Cereda Gomide, Esp. Alexandre Zandonali Meneguelli e o orientador, professor Ms. Reginaldo de Oliveira Nunes para proceder a avaliação do trabalho de conclusão de curso intitulado “**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NOS RITUAIS DE CURA DO POVO ARARA-KARO**” apresentado pelo acadêmico SEBASTIÃO GAVIÃO. Os trabalhos foram iniciados as 11:20, sendo o acadêmico arguido pela banca examinadora por um período de 100 minutos. Após, o trabalho foi considerado aprovado com nota 100. Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrado o ato da defesa.

Prof. Ms. Reginaldo de Oliveira Nunes – Orientador (UNIR)

Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Cereda Gomide – Avaliador (UNIR)

Prof. Esp. Alexandre Zandonali Meneguelli – Avaliador (UNIJIPA)

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a minha família, meus pais, esposa e filhos, que não mediram esforços para que eu concluísse mais essa etapa na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em especial aos sábios indígenas Sr. **José Dutra Yohwã Arara**, Sr. **Procópio Arara** e Pajé **Cícero Xía Mot Arara** que contribuíram na minha pesquisa de revitalização dos conhecimentos das plantas medicinais, porém eles também se preocupam com os conhecimentos que não são repassados para gerações futuras, pois nas entrevistas percebo que os mesmos citam muito esta questão.

Também agradeço ao Professor **Reginaldo de Oliveira Nunes** por ter me auxiliado nesse trabalho.

RESUMO

Este trabalho visou preservar e revitalizar os conhecimentos tradicionais do povo indígena Arara Karo sobre o uso das plantas medicinais. No entanto, os jovens pouco sabem como se usam as plantas para cura de diversos tipos de doenças. Neste sentido, o objetivo do estudo foi registrar o uso das plantas medicinais visando deixar para futuras gerações terem conhecimento como é importante preservar a cultura do seu povo. O trabalho foi desenvolvido na aldeia I'terap, Terra Indígena Igarapé Lourdes, município de Ji-Paraná, Rondônia, aproximadamente a 45 km da cidade. Atualmente são aproximadamente 450 pessoas na comunidade nas aldeias chamadas de I'terap, Paygap e Cinco irmãos. Foi realizada coleta de dados com os sabedores da comunidade, relacionando as plantas medicinais que o povo Arara utilizava como medicamentos naturais. Algumas informações coletadas os mais velhos dizem que muitas doenças não são necessárias serem curadas na cidade, porque existem no território indígena as ervas que podem curar algumas doenças aqui mesmo na aldeia. Espera-se que esse trabalho sirva de exemplo na comunidade para valorização da cultura do povo Arara e que incentive os jovens a procurarem os mais velhos para obter informações sobre o uso das plantas medicinais. Por isso, este trabalho foi importante para fortalecer a cultura tradicional do povo, uma vez oportunizando a nova geração a minimizar o uso dos remédios adquiridos em farmácias.

Palavras chave: Plantas Mediciniais, Preservação, Cura, Povo Arara

RESUMO NA LÍNGUA MATERNA

Mãm gât aget tabet a'pem toat tappây tap xahmây kanã kây to'wa mêt trabalho 'et, revitalizarto'wa, kanây to'wa preservar to'wa kãm, tabet toro xahmây ma'ûp ma' mot to' toba kanã wäk maxéri nât to'wakanã kây. Kanây tap nêt tabet i'ke toro xahmây nã kût ma'ûp 'ûp ahyâ imari ã to'wa. Kanâp mêt wenwen kanã 'ep tappây tabat Kanã ma registrar nã nât to'wa. kanây nakôm tabet toro xahmây nã, tappây tabat kanã xet toba to'wa. Aldeia I'tâp pe' wep mêt trabalho tîña Terra Indígena Igarapé Lourdes pe', município de Ji-Paraná, Rondônia pe', 45 km tem aldeia cidade ay. Mìn karo tap 'et 450 tem i'târap i'yat comunidade pe' aldeia xetto' I'terap, Paygap Cinco irmãos to'wa. Tappây tap pihmãm wep ma'ûp ma' xet to' ara Kanã wäk maxérop kanã xet to' ara. Ma'ûp ma' tóy ike Kanã wäk maxéri iga mêt mãm aldeia pem tap xahmây tap 'et i'wäk korit ká' pe' i'ke i'kap iya'pe cidade kây to'wa. Mây Pât to'wa yét trabalho 'et tapi' yat Kanã kây, wat comunidade tap tap 'et i'yat cultura ma valorizar nã ye' to'wa. kanây to'wa tap nêt tap kãm toat tappây tap at informação ara kãm ahyâ yet mây mãm i'yat kanãwäk maxéroba ma'ûp 'ûp mã to'wa. Kanâp mêt trabalho 'et importante tem, kanây yet nât i'yat cultura ma fortalecer na to'wa, Kanã tap nêt tap bet nât kãm toro xahmây na Kanã toba to'wa.

Kanãwäkmaxéropâtma'ûpma, kanãma preservar nã, imxéroba, Karotap.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	PLANTAS MEDICINAIS E RITUAIS DE CURA INDÍGENAS	11
CAPÍTULO II	PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	15
CAPÍTULO III	PLANTAS MEDICINAIS E OS RITUAIS DE CURA DO POVO ARARA-KARO	17
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Os organismos vivos exercem influência no ambiente, mas a espécie humana, pelo fato de saber usar certas formas de energia, manipulam mais, a ponto de provocar rápidas transformações no habitat, na fauna e flora. O ser humano está quebrando complexos equilíbrios naturais, pela intensidade e profundidade com que interfere nos ecossistemas, visando a produção industrial de uma série de bens de consumo, realizando com isso devastações irreversíveis.

O homem agride a natureza, não porque use seus recursos naturais, mas porque o faz de modo egoísta e irracional. Simplifica totalmente os ecossistemas transformando-os em monoculturas ou terrenos de pastagens. Neste sentido, preservar esses recursos naturais é muito importante, pois o homem utiliza deles para sua sobrevivência, tais como na alimentação, construção de casas, e em vários momentos para fins medicinais.

Sabe-se que esse uso para fins medicinais é tão antigo quanto o próprio ser humano, que desenvolveu a arte de curar por meio de um contato mais íntimo com a natureza e da observação dos animais.

Historicamente e culturalmente, os povos indígenas mantêm relações mais próximas com os elementos do seu meio natural, muitas vezes, inclusive, indissociáveis, por isso, têm sido importantes público para pesquisas etnobotânicas (HAVERROTH, 2010).

Além da relação estreita entre cultura indígena, de um modo geral, e o meio em que vivem, os territórios indígenas correspondem a 12% do território nacional e a 21% da Amazônia Legal. Essa importância aumenta quando se conclui que nada menos do que 40% das áreas de extrema importância biológica e 36% das de muito alta importância biológica da Amazônia estão dentro de Terras Indígenas (SANTILLI, 2005).

O povo Arara em seu passado tinham ricos conhecimentos na área das plantas medicinais para curar diversos tipos de doenças, tais como: febre, dor de cabeça, dor de dente, dores no estômago, remédio para criança andar, remédio para mulher ter filho e ainda para não ter mais filhos, entre outros.

Por falta de recursos para resgatar tais conhecimentos, o presente trabalho faz refletir sobre uma forma de revitalizar e preservar esses conhecimentos para posteriormente serem repassados as futuras gerações. Pois, assim como ainda há povos em diversas localidades com saberes não revelados, os Arara também conservam seus conhecimentos em segredo.

O presente estudo foi realizado visando oportunizar aos jovens a continuarem os processos próprios de ensino e aprendizagem da educação indígena tanto na área de plantas

medicinais quanto em outras áreas. Essa pesquisa almejou ser uma forma de estimular a comunidade a refletir sobre os seus processos de educar visando resgatar as práticas de ensinamento com as novas gerações. Também é uma forma de fazer valer a Lei de 1988 que reconhece os direitos dos povos indígenas à manterem sua identidade cultural, fazendo o uso de suas línguas maternas para elaborar seus materiais pedagógicos dos seus conhecimentos tradicionais, neste caso, das plantas medicinais utilizadas pelo povo na cura de suas enfermidades.

O estudo teve como objetivo resgatar o conhecimento tradicional na área de plantas medicinais utilizadas pelo povo Arara para curar as doenças, principalmente antes do contato com a sociedade não indígena.

CAPÍTULO I

PLANTAS MEDICINAIS E RITUAIS DE CURA INDÍGENAS

Desde os princípios da existência humana, os homens procuram na natureza recursos para melhorar suas condições de vida, aumentando assim as chances de sobrevivência. A interação é evidenciada na relação entre seres humanos e plantas, uma vez que os usos dos vegetais são os mais diversos e importantes em várias culturas, como é o caso das propriedades medicinais (BALICK e COX, 1997).

Muitas pessoas vêm se interessando em entender as relações entre membros de sua própria cultura ou de diferentes grupos culturais e as plantas. Há pouco mais de um século surgiu o termo Etnobotânica, para designar o estudo dessas relações (MINNIS, 2000). De acordo com Davis (1995), pessoas e plantas são dependentes um do outro e um dos objetivos de estudos etnobotânicos é o entendimento dessas interações. A Etnobotânica cita a forma como as pessoas incorporam as plantas em suas tradições culturais e práticas diárias (BALICK e COX, 1997) ou, para Alcorn (1995), a Etnobotânica é o estudo das inter-relações entre humanos e plantas em sistemas dinâmicos. Segundo Hanazaki (2006), “abordagens etnobotânicas podem fornecer respostas importantes tanto para problemas de conservação biológica como para questões direcionadas para o desenvolvimento local”.

O uso de plantas medicinais visando a manutenção e a recuperação da saúde tem ocorrido ao longo dos tempos desde as formas mais simples de tratamento local até as formas tecnologicamente sofisticadas de fabricação industrial. Mas, apesar das enormes diferenças entre as duas maneiras de uso, em ambos os casos o ser humano percebeu, de alguma forma, a existência de algo nas plantas que tem a propriedade de provocar benefícios ao organismo (LORENZI e MATOS, 2008).

As plantas medicinais são utilizadas pela população desde as antigas civilizações, e a partir daí o homem, baseado nas experiências adquiridas em observar animais que faziam uso das plantas quando doentes, foi aprendendo a conhecer as propriedades medicinais de cada vegetal. Esse conhecimento empírico transmitido de geração a geração foi de fundamental importância para que o homem pudesse compreender e utilizar as plantas medicinais como recurso terapêutico na cura de doenças que o afligiam como destacam Teske e Trentine (2001).

De acordo com Correia Junior *et al.* (1994), existem relatos da utilização de plantas medicinais desde a antiguidade. O conhecimento chinês sobre as plantas medicinais data de 5000 anos. Os egípcios incluíam as plantas na alimentação, no preparo de remédios e também preparavam produtos para serem aplicados como cosméticos, além disso, embalsamavam seus

mortos com produtos elaborados à base de plantas medicinais. Os povos indígenas diante de tanta diversidade vegetal faziam uso de algumas plantas tanto para sua alimentação como para tratamento de suas enfermidades desde a época da chegada dos portugueses ao Brasil. Desde então, as plantas medicinais vêm sendo utilizadas pelo homem como método de cura para restaurar a saúde e manter o equilíbrio orgânico.

Ribeiro *et al.* (2004) constataram que as plantas medicinais apresentam muitas substâncias químicas com propriedades terapêuticas que atuam no organismo humano causando-lhes algum efeito. Profissionais especializados transformam substâncias encontradas em ervas medicinais, chamadas princípios ativos, em medicamentos adequados ao tratamento de diversas doenças que acometem os seres humanos e os animais.

Segundo Biazzi (2002) as plantas medicinais são consideradas recursos auxiliares de programas terapêuticos que resgatam aspectos culturais, do uso desta terapia, contribuindo para qualidade de vida alternativa dos povos indígenas.

Por apresentar praticidade e economia, as ervas viabilizam uma alternativa eficaz na cura de determinadas doenças, além de serem utilizadas em seus rituais. A sociedade indígena pode ser considerada ainda a maior e mais confiável fonte do conhecimento empírico existente, pois ainda detêm na grande quantidade de informações inexploradas pela ciência oficial sobre formas de como lidar com ambiente biologicamente diversificado e que podem ser úteis para compreensão destes ecossistemas e para o desenvolvimento de atividades produtivas menos predatórias (SILVA, 2009, p. 115). As potencialidades e aplicações de várias plantas com interesse medicinal, aromático e alimentício surgiram recentemente com um interesse renovado na revitalização do conhecimento tradicional da população indígena que reside nas terras indígenas (SANTOS, 2010).

O uso de plantas medicinais tem sido considerado uma prática consagrada em épocas diversas da história humana, cujo o acúmulo de informações, obtido por meio de diversos povos, representa milênios de história. Segundo Di Stasi (1996), o uso das espécies vegetais como forma de tratamento e cura de doenças vêm do início da civilização. A partir desse momento o homem acordou para a consciência e começou a manusear os recursos naturais para seu benefício. Prática esta que ultrapassou barreiras e obstáculos durante a evolução das plantas e chegou até nossos dias, como uma forma utilizada pela maioria da população mundial como fonte de recurso terapêutico eficiente.

Conforme CORRÊA *et al.* (2000), a utilização de plantas na cura é um tratamento muito antigo, desde os primórdios da medicina e baseia-se no acúmulo de informações através de sucessivas gerações. Logo após a medicina empírica passou a se desenvolver, com várias plantas utilizadas para diversos fins.

O conhecimento tradicional etnobotânico pode servir para indicar novos usos de plantas existentes, usos para plantas previamente desconhecidas e novas fontes de fórmulas conhecidas e necessárias. Os povos tradicionais usam frequentemente, cerca de 75% de todas as espécies existentes, em contraste com os menos de 2% ora explorados economicamente na Amazônia. Portanto, o conhecimento tradicional é uma das maiores riquezas que a Amazônia possui, uma vez que é a chave para a descoberta de grande quantidade de novos alimentos, remédios, corantes, óleos, essências, etc. (POSEY, 1992).

No que se refere especificamente à Amazônia, existem muitas citações esparsas sobre virtudes curativas atribuídas a determinados vegetais, e os pioneiros dessas pesquisas muito contribuíram ao despertar o interesse sobre o assunto, e em divulgar os conhecimentos sobre as espécies medicinais amazônicas. Berg (1982) realizou um trabalho sobre sistemática de plantas medicinais da Amazônia, que muito têm contribuído para a identificação correta desses vegetais empregados na medicina natural. Pires (1984), em seus trabalhos sobre os recursos genéticos de plantas medicinais, além de mostrar a importância do estudo e conservação das mesmas, afirma ainda que a “história das plantas medicinais no Brasil mescla-se com a história da Botânica e com sua própria história”.

Albuquerque (1989) ressalta recomendações de coleta, uso e preparo das mais conhecidas ervas medicinais usadas pelas populações da Amazônia. Martins (1989) faz uma listagem das espécies mais utilizadas com descrição botânica, sinonímia e uso popular.

Elisabetsky (1991) enfatiza que “a pesquisa com plantas medicinais tem sido e continua a ser uma abordagem rica para a procura de novas drogas”. Na obra “Cultivo de plantas medicinais na Amazônia”, Pimentel (1994) apresenta um repertório vasto das plantas medicinais mais comumente usadas na região, com dados agrônômicos, ecológicos e etnofarmacológicos.

Martin (1995) discute as várias disciplinas envolvidas em estudos etnobotânicos e também toma como princípio de que estudos etnobotânicos pode ser um caminho para elaboração de projetos de desenvolvimento para as comunidades envolvidas, partindo-se do conhecimento etnobiológico das pessoas.

Di Stasi *et al.* (1996) faz uma abordagem na questão conceitual e metodológica de estudos de plantas medicinais, mostrando com clareza dois pontos fundamentais: a necessidade de sistematização das ações interdisciplinares e o direcionamento destas ações, de acordo com a realidade e as necessidades do meio onde elas se realizam. Vieira e Albuquerque (1998) apresentam um repertório de várias espécies com descrição botânica, princípios ativos e uso popular.

Povos indígenas e os mais diversos povos tradicionais habitam ambientes diversificados, explorando uma flora extremamente variada e praticamente desconhecida do aspecto

farmacológico. A conservação deste recurso vincula-se e beneficia-se da preservação do conhecimento sobre seus usos. O etnobotânico tem muito a contribuir para que ambas as metas se concretizem (AMOROZO, 1996).

A abordagem ao estudo de plantas medicinais a partir de seu emprego por sociedades tradicionais, de tradição oral, pode contribuir com muitas informações úteis para a elaboração de dos farmacológicos, fotoquímicos e agrônômicos sobre essas plantas, com grande economia de tempo e dinheiro. Ela nos permite planejar a pesquisa a partir de um conhecimento empírico já existente e muitas vezes consagrado pelo uso contínuo, que deverá então ser testado em bases científicas (AMOROZO, 1996).

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A etnia Arara-Karo, pertence a família Rama-rama do tronco linguístico Tupi. Habitavam tradicionalmente as margens do Rio Machado, na altura do atual município de Ji-Paraná. Atualmente residem na Terra Indígena Igarapé Lourdes, com 185.533 hectares homologados pelo decreto nº. 88.609 de 09/08/1983, a qual dividem com o povo Gavião Ikóléhj, expulsos de suas terras tradicionais pela frente colonizadora (DE PAULA *et al.*, 2010, p. 01).

O trabalho foi desenvolvido na aldeia I'terap (Figura 01), Terra Indígena Igarapé Lourdes, município de Ji-Paraná, Rondônia, especificamente a 45km da cidade, com o povo indígena Arara-Karo. Atualmente são aproximadamente 450 pessoas na comunidade nas aldeias chamadas de I'terap, Paygap e Cinco irmãos.

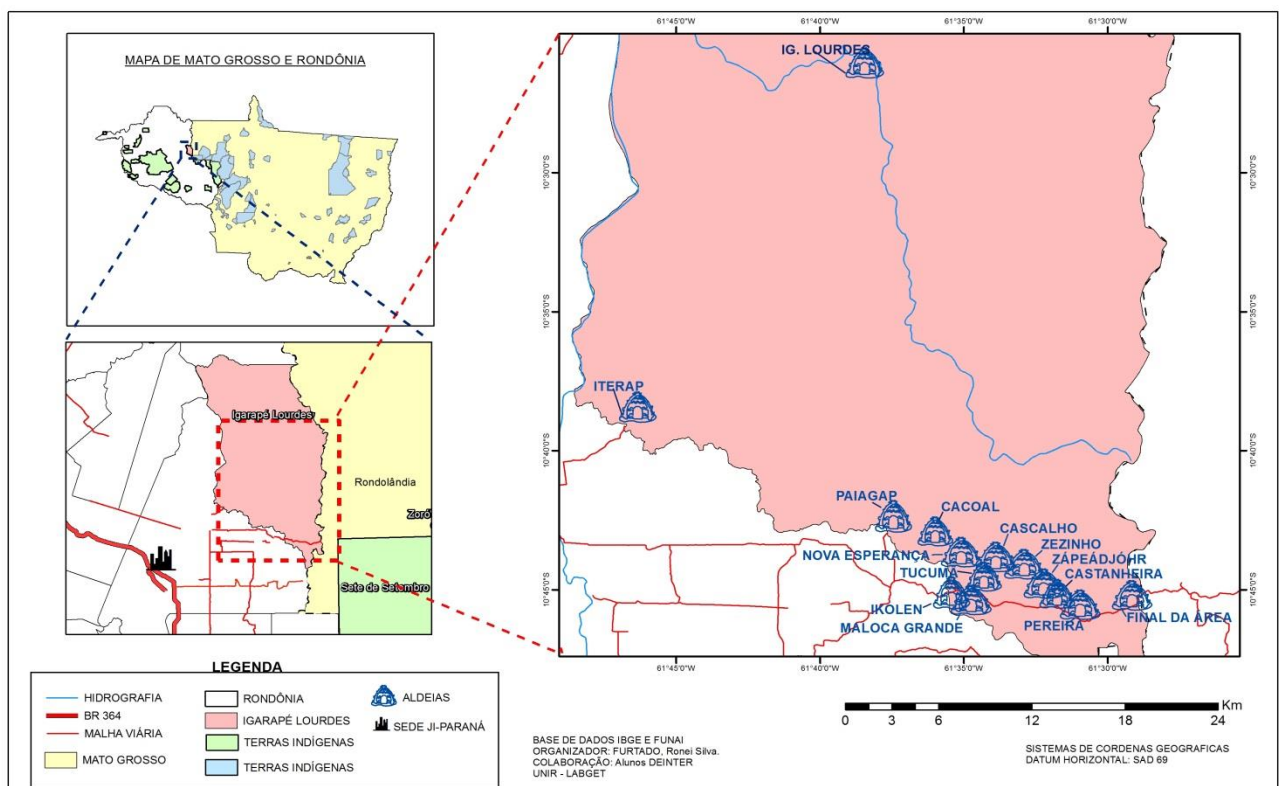


Figura 01: Mapa da Terra Indígena Igarapé Lourdes
Fonte: Laboratório de Geomática e Estatística- LABGET.

Os Arara foram contactados no final dos anos 1940, quando centenas deles morreram de doenças contagiosas e os sobreviventes foram morar nos seringais da região. Isso fez com que os

Arara se engajassem totalmente no modo de vida não indígena, mas seus pajés ainda são conhecidos por todos os índios das regiões vizinhas como muito poderosos.

Os Arara têm seu próprio processo de ensino e aprendizagem que são repassados de geração a geração. Sua forma de adquirir saberes é por meio das observações e orientações de seus anciões. Os ensinamentos são repassados oralmente e sua organização social é harmônica. Com seus valores simbólicos, o conhecimento é o processo de construir saberes. Os saberes são transmitidos pelos seus sabedores à novas gerações.

A educação tradicional é muito importante na comunidade visando ensinar os conhecimentos para que não se perca a tradição cultural do Povo Arara. Atualmente sabemos que ainda enfrentamos muitos preconceitos pela sociedade envolvente, no entanto, este estudo (Intercultural) pode demonstrar que os povos indígenas têm valorizado sua tradição e por meio dela são fortalecidos suas culturas.

Os processos próprios de ensino e aprendizagem da educação indígena são importantes para os povos, pois sabemos que é por meio dela que os povos indígenas conseguiram alcançar os seus direitos e o reconhecimento perante a sociedade não-indígena.

O fato de pesquisar a existência das plantas medicinais do povo Arara vem alertar sobre uma preocupação da necessidade das novas gerações estarem adquirindo conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais com os sabedores ou os mais velhos na comunidade.

Devido a esses fatores apresentados, foram realizadas entrevistas utilizando-se de questionários estruturados (apêndice 01) contendo questões sobre os principais problemas de saúde que acontecem na aldeia, a nomenclatura utilizada para chamar as plantas que tratam dos problemas de saúde, a importância de se usar plantas medicinais no tratamento de doenças, se usa plantas medicinais no tratamento de doenças, há quanto tempo usa, com quem aprendeu a usar, se ensina esses conhecimentos e se acha que todas as doenças podem ser curadas com plantas. Também foram coletados dados com os sabedores da comunidade, relacionando as plantas medicinais que o povo Arara utilizava como medicamentos naturais.

CAPÍTULO III:

PLANTAS MEDICINAIS E OS RITUAIS DE CURA DO POVO ARARA-KARO

O conhecimento das plantas medicinais simboliza o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos. O conhecimento do uso das plantas medicinais ainda é conservado pelos sabedores e também por eles preservado, sendo a preservação desse conhecimento um símbolo muito importante para o povo.

A presença dos remédios farmacêuticos não é um motivo para os anciões deixarem de usar suas plantas como remédios, no entanto ainda guardam seus conhecimentos em suas memórias. O uso das plantas medicinais ainda acontece de forma indireta em suas necessidades, quando não há remédio imediato nos postos de saúde ou nas urgências, as pessoas procuram os pajés ou mais velhos conhecedores de tais plantas. Observa-se na Aldeia, que apesar de existir um posto de saúde com remédios farmacêuticos, atualmente, ainda são usadas as plantas medicinais para: fazer a criança andar e crescer com os ossos saudáveis, para diarreias, picadas de insetos e serpentes, amenizar o sangramento de hemorragias, furúnculo, entre outros sintomas.

Neste sentido, de acordo com Monteles e Pinheiro (2007, p. 12), o conhecimento acumulado pelas sociedades tradicionais, de séculos de estreita relação com a natureza desempenha um papel fundamental para a manutenção da diversidade biológica, assegurando a utilização racional dos recursos naturais.

Segundo Hoefel e colaboradores (2011, p. 24), os processos de industrialização e globalização cultural e econômica geraram riscos relacionados com a questão ambiental e com a descaracterização da identidade de muitas populações tradicionais, conduzindo a desvalorização de elementos do conhecimento tradicional, como por exemplo, o uso de plantas medicinais. Por essa razão, entende-se que é de grande importância a informação para população indígena, por meio dos registros escritos e orais o ensinamento deste conhecimento. Dessa forma, pode-se dizer que o estudo é voltado a pesquisa de campo proporcionando assim aos mais jovens conhecerem as plantas medicinais e seus efeitos, comprovando assim suas ações diante dos seus usos.

Através do acesso aos recursos naturais, o povo tem a oportunidade de conhecer a importância do uso das plantas e suas potencialidades, entre elas, o de uso medicinal. Assim, é preciso que as famílias atuais tenham mais participação nas atividades culturais, principalmente nas festividades tradicionais, onde envolvem os anciões e pajés e toda a comunidade. Esses eventos são momentos importantes para aprender os ensinamentos culturais e entender os

significados das atividades, principalmente na realização dos rituais de cura. Esses rituais, em muitas ocasiões, são feitos pelos pajés quando alguém tem sintomas de doenças ou quando eles descobrem espiritualmente que alguém da comunidade está sofrendo ameaças por outros espíritos, neste caso, eles fazem rituais para evitar que nada de mal possa acontecer com essa pessoa. Os remédios são feitos com as plantas através do espírito do pajé (tëmamât).

Além disso, o povo Arara-Karo acredita que o uso das plantas medicinais irá se incorporando gradativamente nos programas de saúde, como na SESAI ou no SUS. Dessa forma o estudo torna-se uma estreita fonte de relação de pesquisa e cada vez mais fortalecer um laço entre Universidade e Comunidade, estabelecido e pensado principalmente na melhoria da qualidade de vida das populações indígenas.

Historicamente, o uso de plantas medicinais faz parte da vida da humanidade desde antiguidades do povo. Na geração passada, os jovens sempre acompanham seus pais e seus avôs para adquirirem conhecimentos e ampliá-los, com intuito de fazer assim, um caminho sábio para descobrir a utilidade de cada planta, muitas vezes se tornando um pajé posteriormente.

Atualmente, o que se observa é um desinteresse dos mais jovens por esses conhecimentos, e se tais conhecimentos não forem resgatados, vai enfraquecer a cultura medicinal do povo com o passar do tempo, pois o conhecimento dos sabedores vai com eles ao findar seu ciclo de vida. O uso de espécies de plantas tem por finalidade descobrir formas de tratamento e cura de sintomas e doenças; O estudo despertou para sensibilizar os anciões do povo Arara Karo a voltarem a usar as plantas no seu cotidiano, pois atualmente cerca de 50% de todas as espécies existentes na terra indígena são usadas como remédio.

Portanto, o conhecimento tradicional é uma das maiores riquezas de um povo, uma vez que é uma grande oportunidade para descobrir novos medicamentos. E esses conhecimentos em relação as plantas medicinais estão vinculadas na sua maioria ao conhecimento acumulado pelos pajés durante sua vida.

Para conhecer um pouco sobre o que a população da aldeia sabe sobre as plantas medicinais foram realizadas quinze entrevistas com integrantes da comunidade. Dos entrevistados, oito são do sexo feminino e sete do sexo masculino. Possuem idade que variam entre 28 e 67 anos, conforme figura 02 a seguir.

Constata-se que o maior número de entrevistados se encontra na faixa etária entre 30 e 39 anos, totalizando 10 moradores, representando 67% do total entrevistado. Na faixa etária dos 20 a 29 anos foram entrevistados 02 moradores (13%), na faixa etária de 60 a 69 anos, os outros 03 moradores (20%), totalizando os 15 entrevistados na pesquisa. Não foi entrevistado nenhum morador na faixa etária dos 40 a 49 anos e também dos 50 a 59 anos.

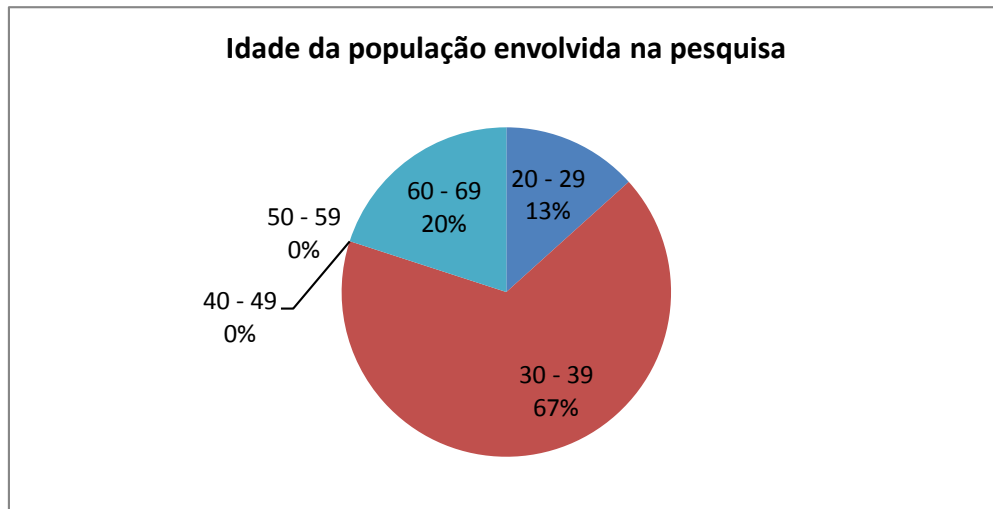


Figura 02: Intervalo de idade dos entrevistados

Fonte: Pesquisa de campo

Segundo Amorozo (1996), “qualquer membro adulto normal de uma cultura (ou mesmo, em alguns casos, crianças e adolescentes) pode funcionar como um informante em pesquisas etnobotânicas”. Isto foi vivenciado durante o estudo realizado na comunidade.

Quando questionado sobre quais os problemas de saúde que ocorrem com mais frequência na aldeia, foram citadas diarreia, gripe, febre, dor de garganta, dor de cabeça, malária, micoses, verminoses. Observa-se que as citações são de doenças que ocorrem com maior frequência do cotidiano, sendo malária citada por apenas uma pessoa e mais velha, podendo estar relacionada a doença com os tempos passados, pois nos dias atuais não acontece mais tantos casos de malária.

Na pergunta sobre qual a melhor maneira de chamar as plantas que usam quando a pessoa tem algum problema de saúde, 10 entrevistados citaram como sendo planta medicinal, 02 como planta para chá e 03 como planta para remédio, o que demonstra que a maioria conhece o significado do termo planta medicinal.

Quando perguntado se acham importante usar plantas medicinais para o tratamento de doenças, os quinze entrevistados admitiram que sim (100%), destacando nesse sentido o poder das plantas para a cura e prevenção das doenças.

Ao questionar se eles usam plantas medicinais para o tratamento de doenças, 13 entrevistados responderam que sim e dois que não. Os que não usam relacionam-se ao fato de quando estão com algum sintoma de doença procuram o serviço de enfermagem na busca de algum medicamento.

O tempo de uso das plantas medicinais é uma informação também muito importante quando se trabalha com plantas medicinais, neste sentido quando foi realizada a pergunta do

tempo que usam as plantas medicinais, dois entrevistados citaram que usam no intervalo de 1 a 5 anos, dois usam de 5 a 10 anos e onze a mais de 10 anos (Figura 03).

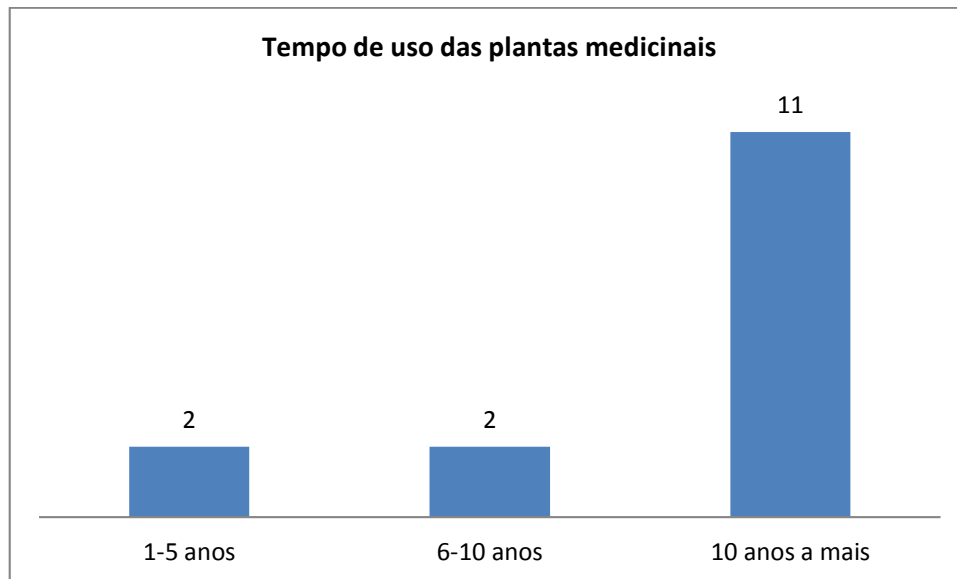


Figura 03 – Intervalo de tempo de uso das plantas medicinais Fonte: Pesquisa de campo

Quando questionado sobre com quem aprendeu a usar as plantas medicinais, quatro entrevistados citaram que foi com os pais, oito com os avós, dois com tios e um com vizinhos, ficando claro nessa questão que os conhecimentos tradicionais são repassados de geração a geração dentro do contexto familiar. Assim, foi questionado se eles ensinavam para outras pessoas o que sabem sobre as plantas medicinais e os quinze entrevistados afirmaram que sim.

O último questionamento estava relacionado se eles achavam que todas as doenças podiam ser tratadas com plantas. Neste sentido, nove responderam que sim, pois as plantas são a base de todos os medicamentos e seis responderam que não, pois existem doenças que são muito perigosas sendo preciso usar outros medicamentos para o tratamento dessas doenças. Nesta questão foram citadas respostas como: “*podem sim, porque os povos indígenas passaram um grande conhecimento que foi dado pelos mais velhos*”, ou “*os mais velhos deixam este conhecimento para os mais jovens*” e ainda “*porque as plantas é um remédio natural que tiramos da natureza*”.

Após essas informações gerais sobre a importância das plantas medicinais observada nas entrevistas acima, também foi realizada entrevista com o pajé Cícero Xia Mot Arara. Um dos primeiros questionamentos foi sobre as doenças que afetavam o povo Arara. O pajé Cícero respondeu que as doenças que mais afetavam a comunidade era as dores no tórax e sangramentos, explicando que era como se as pessoas tivessem perdendo o fôlego e morrendo.

Pajé Cícero também disse que o pajé tem um papel muito importante para cuidar e prevenir o povo dos espíritos de outros pajés que inutilizam espiritualmente os parentes. Ele

ainda disse que antes de ter pajé, nossos parentes morriam de doenças através dos espíritos maus. Esses espíritos faziam mal aos parentes, pois eles se enganavam com as almas pensando que era pajé que estavam fazendo rituais, mas na verdade eram as almas de outros espíritos que vinham buscar o espírito da pessoa para fazer mal. Ele cita que: "Hoje isso mudou, pois tem eu como pajé, por isso os espíritos mal respeitam".

O pajé conta que antes do contato, o povo Arara realizava trabalhos tradicionais sem depender dos recursos dos não-índios. Após o contato, estes saberes sofreram modificações e não foram mais ensinados para seus jovens, por isso seus conhecimentos estão se perdendo.

Pajé Cícero comenta que se preocupa em cuidar das doenças, citando que: "hoje tem um pajé mulher espiritual que cuida das doenças das pessoas". Segundo ele, só existe ela que conhece de verdade os tipos de plantas para curar e prevenir doenças. A preocupação de se perder de vez os conhecimentos é assunto que deve ser levado a sério, disse o pajé, pois os mais jovens não se preocupam de estarem buscando os conhecimentos com os mais velhos, por isso deve ter alguém que possa mostrar o caminho para eles.

Pajé Cícero, cita que: "Nós éramos muitos, donos desse território até o Riachuelo, éramos ricos de comidas nativas, por causas de doenças perdemos quase tudo. Eu me preocupo com os ataques de outros espíritos". Após entrevista com o pajé Cícero, realizei uma entrevista e fiz levantamento das plantas usadas como remédios na comunidade Arara com o senhor José Dutra Yohwã Arara (Figura 04), um dos conhecedores das plantas medicinais do povo Arara.



Figura 04 - José Dutra Yohwã Arara, conhecedor das plantas medicinais.
Foto: Sebastião Arara, 2013.

Fomos até a floresta, andando aproximadamente 2 km dentro da mata onde ele mostrou diversas plantas que tem utilidade para curar diversos tipos de doenças, tais como: gripe, dor no estomago, picada de serpente e outros insetos, para amenizar anciã de vômito, diarreia, remédio para criança crescer saudável, remédio para curar hemorragia da mulher depois do parto, remédio para curar furúnculo, para controlar a epilepsia, para usar no corpo para atraís caças, entre outros. No entanto, observa-se que os mais velhos ainda guardam em segredo seus conhecimentos.

Segundo o conhecedor José Arara, há muitas plantas para serem utilizadas como remédios, mas muitos deles deixam de usar as plantas medicinais porque a entrada dos medicamentos farmacêuticos ocupou o espaço, fazendo com que os anciões deixassem de usar suas plantas. O uso das plantas é importante para que as culturas sejam preservadas e fortalecidas por eles, no entanto seus conhecimentos tradicionais são pouco explorados pelos jovens. Muitas pessoas da nova geração ainda não conhecem que podemos explorar as plantas para se tornar remédios e não depender dos remédios da farmácia o tempo todo. Abaixo são apresentadas as plantas medicinais e suas utilizações citadas pelo senhor José Dutra Yohwã Arara.

PLANTA 01 – XAKUN ‘ÛP



Foto: Sebastião Arara, 2013.

UTILIZAÇÃO: Serve para curar dor de barriga e disenteria.
MODO DE USAR: Seu uso é mastigar as folhas e engolir para fazer efeito.

PLANTA 02 – MA'ÛP 'ÛP XAPÖT ÛP

Foto: Sebastião Arara, 2013.

UTILIZAÇÃO: Para curar sintoma de gripe, caso a pessoa tem tosse.

MODO DE USAR: Seu uso é mastigar e engolir

PLANTA 03 – MA'ÛP 'ÛP

Foto: Sebastião Arara, 2013.

UTILIZAÇÃO: Para aliviar as dores. Quando a pessoa sentir dor no peito ou tórax.

MODO DE USAR: Pega-se a folha, esquenta no fogo e leva até o local da dor e encosta a folha.

PLANTA 04 – KÕNAP PAT XÛP

Foto: Sebastião Arara, 2013.

UTILIZAÇÃO: Para pessoa que tem epilepsia.
MODO DE USAR: Usa-se as folhas para dar banho.

PLANTA 05 – NA'YOP XÛP

Foto: Sebastião Arara, 2013.

UTILIZAÇÃO: Serve para amenizar dores, no caso de sentir dor no tórax ou no coração.
MODO DE USAR: Esquentar as folhas no fogo e fazer compressa no local da dor.

PLANTA 06 – YA’OROP XÛP



Foto: Sebastião Arara, 2013.

UTILIZAÇÃO: Para curar furúnculos.
MODO DE USAR: Mastigar a folha e engolir.

O outro entrevistado foi o senhor Procópio Arara. Ele disse que é interessante pesquisar os conhecimentos na área de plantas medicinais para preservar os conhecimentos dos antepassados para as futuras gerações. O mesmo, também relata que essa situação é mesmo preocupante no mundo atual, porque os jovens estão rodeados de tecnologias dos não-indíós e isso não traz coisas boas, pois os jovens deixam de se preocupar com o que é de seu interesse e do restante da comunidade.

Senhor Procópio cita que são várias as plantas utilizadas pelo povo Arara nos rituais de cura, conforme informações listadas na tabela a seguir.

Tabela 1. Plantas medicinais citadas pelo entrevistado Procópio.

PLANTA	PARTE UTILIZADA	MODO DE UTILIZAÇÃO	UTILIZAÇÃO
Agorowetá	Folha	Mastiga e engole	Dor de estomago
Napía 'ûp	usar cortar a madeira e coloca água e toma driariamete	Corta a madeira e coloca água espera ficar colorida e toma diariamente.	Serve para cicatrização de ferida, combate o câncer e a diabética
Napâ pô op pô	Usar o cipó para amenizar a dor	Mastiga o cipó e toma o saldo também assa o para colocar no ferimento	Serve para curar diarreia e ferimento
Way pô'	Cipó	Corta o cipó e beba sua água	Serve para amenizar dor no casos de picadas de arraia.
Ma'ûp ka xã kap	Pega a planta para mastigar.	Mastiga a planta e engole	Serve para dor no estomago.
I'wim map to'	Pega a folha da planta para curar dor.	Esquenta a folha e coloca no local da dor	Serve para dor ou reumatismo.

Piko ká'	Planta para dor no corpo	Estiga e esfrega no corpo	Mastiga a casca para esfregar no corpo.
Néya kap	Planta para curar a febre rala a planta	Esmaga a folha e passa no corpo inteiro.	para curar a febre.
Xerewip paba	Planta para uso no corpo	Pega a folha e es quente, depois passa no corpo.	Serve para amenizar dores
Way pa'ãw	Planta usar esta planta para matar bicho que sai na pessoa.	Passar a água da planta no local.	Para mata bicheira.
Napâ 'a'	Cipó que serve para curar dor de barriga	Rala o cipó e toma o caldo.	serve para curar dor de barriga
Way pû'	Cipó para tirar dor de cabeça	Tirar o cipó e colocar amarrando a cabeça para tirar a dor.	para tirar dor de cabeça
Xapo 'ûp	Pega a planta e mastigar para então para passar no ferimento.	Mastigar o casco para então para passar no ferimento	passar no ferimento e corte.
A'i ká	Planta para amenizar o sangramento.	Mastigar a madeira e tomar seu caldo.	amenizar o sangramento
Xapot pe'	Pegar a folha e es quente para colocar no local da dor.		folha para colocar no local da dor.

Durante a minha pesquisa de revitalização e preservação das plantas medicinais do povo Arara karo descobri uma planta nativa (napia ká) que faz combate de diabético e também para diversos sintomas, como cicatrização dor no estomago e outros.



Figura 05. Planta napia ká

Através das entrevistas, percebo que os relatos vêm de encontro com minha opinião e preocupação com a revitalização e preservação dos conhecimentos do povo Arara na área de plantas medicinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do trabalho percebe-se que o uso das plantas no processo de cura de um povo indígena é de extrema importância. Nesse sentido, desenvolver junto aos pajés uma roda de conversa com os mais jovens, incentiva-los a buscar conhecimentos sobre as plantas é vital para a manutenção do conhecimento cultural do povo Arara.

Nota-se também que alguns anciões não repassam seus conhecimentos porque poucas pessoas da nova geração acreditam no poder de cura das plantas e no próprio sabedor, precisando assim fazer um trabalho de revitalização da cultura no que se refere ao uso dessas plantas e da importância de se conhecer os remédios tradicionais do povo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J.M. de P. **Plantas Medicinais de Uso popular**. Brasília: ABEAS/MEC, 1989. (Programa Agricultura nos Trópicos, v. 6). 96 p

ALCORN, J.B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E. & von REIS, S. (eds.). **Ethnobotany**: evolution of a discipline. Portland: Dioscorides Press, 1995.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais**: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar. Botucatu: UNESP, 1996.p. 47-68.

BALICK, M. J.; COX, P. A. **Plants, people, and culture**: the Science of Ethnobotany. New York: Scientific American Library, 1997. 228p.

BERG, M.E. **Plantas Medicinais na Amazônia**: Contribuição ao Conhecimento Sistemático. Belém, CNPq/PTU, 1982. 223 p.

BIAZZI, T. **O maravilhoso poder das plantas**. 3 ed. Tatuí, SP: Casa publicadora Brasileira, 2002.

CORREA JUNIOR, C.; MING, L. C.; SCHEFFER, M. C. Cultivo de plantas medicinais: condimentares e aromáticas. Curitiba. Emater, 1994.

CORREA, A.D.; BATISTA, R.S.; QUINTAS L.E.M. **Plantas medicinais**: do cultivo a terapêutica. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 284p.

DAVIS, E.W. Ethnobotany: an old practice, a new discipline. In: SCHULTES, R.E. & von REIS, S. (eds.). **Ethnobotany**: evolution of a discipline. Portland: Dioscorides Press, 1995.

DE PAULA, J. M.; FELZKE, L. F.; ARARA, S.; ARARA, S.; ARARA, E.; ARARA, C. **O povo Arara-Karo: entre a produção tradicional e o mercado**. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=13&ved=0CGgQFjAM&url=http%3A%2F%2Fwww.anppas.org.br%2Fencontro5%2Fcd%2Fartigos%2FGT14-399-392-20100903100626.pdf&ei=CVwkU-SFDYuPkAfo44DwAg&usq=AFQjCNGB-FFMeYyyrpLLXehSO6W-tMExQA>. Acesso em: 15/03/2014.

DI STASI, L. C. **Plantas medicinais**: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996. 230p.

ELISABETSKY, E. Sociopolitical, economical and ethical issues in medicinal plant research. **Journal of Ethnopharmacology**, v.32, p.235-239, 1991.

HANAZAKI, N. **Etnobotânica e conservação**: manejar processos naturais ou manejar interesses opostos? In: MARIATH, J.E.A. & SANTOS, R.P. (eds.). Os avanços da Botânica no início do século XXI: morfologia, fisiologia, taxonomia, ecologia e genética. Conferências Plenárias e Simpósios do 57º Congresso Nacional de Botânica. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, 2006.

HAVERROTH, M. Os desafios da pesquisa etnobotânica entre povos indígenas. In: SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. (Orgs.). **Etnobiologia e Etnoecologia**: Pessoas & Natureza na América Latina. Recife: NUPEEA/SBEE, 2010 (A). pp. 133-141.

HOEFEL, J.L.M.; GONÇALVES, N.M.; FADINI, A.A.B.; SEIXAS, S.R.C. **Conhecimento Tradicional e uso das Plantas Mediciniais nas APAS'S Cantareiras/ SP: E Fernão Dias/MG**. Revista VITAS- Visões transdisciplinares sobre Ambiente e sociedade, Niteroi nº 1, setembro 2011 .

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas Mediciniais no Brasil**: nativas e exóticas. 2. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2008.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany, a methods manual**. London, UK: Chapman & Hall, 1995. 276 p.

MARTINS, J. E. C. **Plantas mediciniais de uso na Amazônia**. 2. ed. Belém: CEJUP, 1989. 107 p.

MINNIS, P.E. Introduction. In: MINNIS, P.E. (ed.). **Ethnobotany**: a reader. Norman: U. Oklahoma Press, 2000.

MONTELES, R.; PINHEIRO, C.U.B. **Plantas Mediciniais em um Quilombo Maranhense: uma perspectiva etnobotânica**, Revista de biologia e ciências da Terra Campina Grandes, volume7 –número 2- 2º semestre 2007.

PIMENTEL, A. A. M. P. **Cultivo de plantas mediciniais na Amazônia**. Belém: Faculdade de Ciências Agrárias do Pará / Serviço de Documentação e Informação, 1994. 114 p.

PIRES, M. J. P. Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas mediciniais. **Rodriguésia** 36 (56)61-66. 1994.

POSEY, D. A. Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos

tradicionais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, 1992, Belém. **Anais**. Belém: Governo do Estado do Pará. P. 112-117.

RIBEIRO, M., ALBIERO, A. L. M., MILANEZE-GUTIERRE, M. A. *Taraxacum officinale* Weber (dente-de-leão): uma revisão das propriedades e potencialidades medicinais. Maringá, Apadec, 2004.

SANTILLI, J. **Socioambientalismo e novos direitos**: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural. São Paulo: Peirópolis, 2005.

SANTOS, N.R. Levantamento dos recursos vegetais utilizados como defensivos naturais pelos agricultores da Paraíba. In: **Resumos do IV Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife – PE. p. 67, 2010.

SILVA, J.P. Etnociência, povos indígenas, biodiversidade e controvérsias globais: diálogo historicamente difícil entre os saberes científico e tradicional. In: SOUSA, I.F.S.; CABRAL, J.R.F. (eds.). **Ciência como instrumento de inclusão social**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. 2009. pp. 109-144.

TESKE, M. ; TRENTINI, A. M. M. *Herbarium: compêndio de fitoterapia*. 4. ed. Curitiba, Herbarium, Laboratório Botânico , 2001.

VIEIRA, L.S.; ALBUQUERQUE, J.M. **Fitoterapia tropical**: manual de plantas medicinais. Belém: Faculdade de Ciências Agrárias do Pará / Serviço de Documentação e Informação, 1998. 281 p.